



UMA
RUIÑA
DE
ROSAS

AUTORA BESTSELLER USA TODAY
K.F. BREENE

UMA
RUÍNA
DE
ROSAS

K. F. BREENE

TRADUÇÃO DE
SARA LIMA



COPYRIGHT © 2021 K. F. BREENE
COPYRIGHT © 2022 EDITORA CABANA VERMELHA
TÍTULO ORIGINAL: A RUIN OF ROSES
(Deliciously Dark Fairytales Book 1)
Todos os direitos reservados.

Diretora Editorial: Elaine Cardoso
Tradução: Sara Lima
Revisão: Elaine Lima
Revisão Final: Elaine Cardoso
Adaptação Texto da Capa: Elaine Cardoso
Diagramação digital: Kaique Martins

Fantasia Sombria
1ª Edição

Esta obra foi revisada segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. É proibida a reprodução total e parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo o uso da internet, sem permissão expressa da autora (Lei 9.610 de 19/02/1998).

Sumário

[Sinopse](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[PRÓLOGO](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Sobre a autora](#)

Sinopse

Eu podia salvá-lo, mas ele me arruinaria.

A besta.

A criatura que caça a Floresta Proibida.

O Príncipe Dragão.

Ele sofreu um destino pior que a morte. Todos nós sofremos.

Uma maldição lançada pelo rei louco.

Somos um reino preso no tempo. Metamorfos incapazes de sentir os nossos animais.

Presos aqui por um acordo entre o falecido rei e um demônio que deseja nossa destruição.

O único que mantém este reino vivo é Nyfain, o próspero príncipe de um trono roubado.

O último metamorfo dragão.

Ele é nossa esperança.

Ele é meu pesadelo.

Quando Nyfain me pega invadindo a Floresta Proibida, ele não me castiga com a morte, como tem direito.

Em vez disso, ele me captura. Me força a ir para o castelo como sua prisioneira, com o intuito de me usar.

Pelo visto, eu posso salvá-lo. Posso salvar todo o reino esquecido, confinado pelo poder do rei demônio.

Mas isso significaria domar o monstro sob a pele dele.

Significaria me entregar a ele.

Significaria a minha ruína.

Este livro é uma releitura dark e hot de A Bela e a Fera com um anti-herói, uma heroína forte e personagens secundários bem-humorados. Uma história de enemies to lovers e possíveis companheiros predestinados para maiores de 18 anos. É o primeiro livro de uma trilogia e termina com cliffhanger.

AGRADECIMENTOS

Este livro é para os leitores.

Vocês queriam que eu apimentasse as coisas. Queriam que eu me empolgasse.

Pois conseguiram. Espero que não se arrependam. Tenham uma pulseira antiestresse de prontidão, só por precaução.

Aperte quando necessário.

Eu não conseguiria fazer isso sem vocês do meu lado. Sou eternamente grata por isso. Agradecimentos especiais para Amber Hyde e Heather Rainwater-Alvarado pelos títulos que foram escolhidos.

PRÓLOGO

UM ROSNADO BAIXO retumbou pela Floresta Proibida. Meu coração saltou na garganta.

A besta!

Corri para trás da árvore mais próxima e esmaguei as costas no tronco áspero. Minha bolsa de tweed pendurada no torso, cheia com a carga preciosa que eu tinha roubado do campo de everlass. Se a besta me encontrasse com isso – se me encontrasse na Floresta Proibida – eu estava ferrada. Ela me mataria como tinha feito com inúmeros outros, independente do fato de eu ter apenas 14 anos.

Não importava que eu fosse muito jovem para me transformar, se a mudança ainda fosse possível para nós após a maldição. Se eu tinha idade para roubar, tinha idade para morrer pelos meus pecados.

Um galho de árvore quebrou. O que pareceu um grande pé esmagando a grama quebradiça. O outro tocou no chão, a criatura desacelerando. Ou sentia alguém próximo ou havia captado meu cheiro. Respirei fundo e fechei os olhos com força, as mãos tremendo. Um fungado alto preencheu o silêncio. A besta farejando sua presa.

Meus pais nem sabiam que eu tinha vindo. Vovó havia adoecido, os efeitos da maldição que condenou nosso reino. Todos disseram que não havia cura. Mas eu tinha encontrado uma maneira. Pelo menos, eu conseguia retardar os efeitos. Mas eu precisava da planta everlass e mal a tínhamos. Eu ainda estava aprendendo a cultivá-la adequadamente. Ninguém mais na aldeia sabia lidar muito com a planta. Mas, algo a respeito dela se conectava

comigo. Logo, eu descobriria, sabia que conseguiria, mas agora, eu estava sem tempo.

Meus pulmões queimavam. Eu tinha medo de respirar.

Mais grama esmagada sob os pés enormes da besta. Ela estava se movendo na minha direção!

Um choramingo escapou dos meus lábios. Coloquei uma mão na boca, mas era tarde demais. Os passos cessaram. A besta tinha ouvido.

A escuridão jazia à minha volta. Silêncio.

A besta rugiu, e quase fez minha alma sair do corpo. O medo me encharcou de adrenalina e comecei a correr. Correndo o mais rápido possível. Atravessei o mato. Circundei uma árvore.

Os passos da besta aceleraram. Estava vindo tão depressa! Como eu podia escapar?

Grunhidos altos soaram bem acima de mim, a respiração da besta bufando ao se mover. Se sua cabeça estava tão alta assim, a criatura era muito maior do que os rumores haviam dito.

Uma parede de arbustos esperava à frente. Duas árvores se cruzavam por meio dela, criando uma abertura estreita entre os espinhos. Eu me arrisquei e corri entre elas.

Algo deslizando soou atrás de mim, olhei para trás e vi dois pés enormes com garras longas e afiadas agitando a sujeira. Eles pararam pouco antes da abertura.

Continuei, sem conseguir evitar as lágrimas. Fiquei de joelhos, apoiei-me nas mãos e rastejei. Folhagem densa me encobria. Espinhos rasgavam minha pele. Continuei a rastejar, agora de cotovelos e joelhos.

Uma respiração soprou atrás de mim. A besta estava seguindo meu cheiro.

O buraco escuro à frente anunciou o fim deste túnel natural. Sangue escorria pela minha bochecha que um espinho havia rasgado. A bolsa com

everlass amassada debaixo do meu corpo. Sabia que seria ruim para o elixir, mas não tive muita escolha.

Precisava tirar essa planta daqui. A vida da vovó dependia disso. Sua tosse estava muito ruim e sua respiração estava superficial. Ela precisava de ajuda.

Reunindo minha coragem, eu me agachei na escuridão, olhando para a noite sem estrelas. Árvores se erguiam ao redor e o chão era um emaranhado de ervas daninhas e amoeiras. Nada se moveu. A besta podia ter desistido?

No fundo do coração, eu sabia a resposta, mas meu medo estava fora de controle.

Pensei em ficar aqui, mas ela podia esperar até eu sair. Ou vir atrás de mim. Todos diziam que a criatura tinha um rosto blindado. Algumas videiras e espinhos não incomodariam.

Corri para a frente, soluços me sufocando.

Seu rugido me seguiu, cada vez mais perto. Minha respiração estava ofegante e cansada. Eu bombeei para o ar com os punhos e circudei uma árvore. A borda da floresta estava logo à frente.

Embora outros horrores pudessem cruzar essa linha, a besta, a guardiã da Floresta Proibida, não podia.

Luzes na aldeia tremeram na névoa úmida da minha visão. Velas nas janelas. Fogueiras nos pátios. Elas esperavam por mim. Estavam bem à frente!

O rugido sacudiu meus ossos, muito perto. O fim estava próximo.

Capítulo 1

OLHOS DOURADOS BRILHANTES me arrancaram do sono. Arquejei aterrorizada e me sentei com pressa. Meu cabelo estava colado no rosto com suor. A camisa se agarrava nas minhas costas. Um pesadelo.

Não, pior que um pesadelo. Uma memória.

Ainda me lembro de atravessar aquela linha de árvores aos catorze e tropeçar em uma pedra. Cair e marcar meu rosto. Quando parei de rolar, fiquei deitada, de frente para a floresta.

Aqueles olhos dourados brilhantes me encararam na escuridão. A cabeça da besta estava impossivelmente alta, entre os galhos das árvores. Nunca tinha visto o seu corpo. A noite o havia consumido.

Essa imagem ainda era reproduzida sem parar nos meus pesadelos depois de todos esses anos. Nove anos de repetições.

Uma tosse irregular e produtiva me tirou do pânico. Respirei fundo para me aterrar no momento. A tosse voltou. Meu pai. Ele estava piorando.

Suspirei cansada, prendendo o cabelo e afastando as cobertas. Minha irmã, Sable, acordou na cama estreita ao lado da minha no nosso pequeno quarto. Não tínhamos muito, mas, pelo menos, tínhamos um teto sobre nossas cabeças. Por enquanto, de qualquer forma.

O luar suave se filtrou pelas cortinas desgastadas, e eu pude ver o rosto dela se virando para mim, os olhos arregalados de medo. Ela sabia o que aquela tosse significava.

— Está tudo bem — eu disse a ela, balançando as pernas na beira da cama. — Está tudo bem. Tenho mais do elixir neutralizante. Ainda não

acabou.

Ela assentiu, sentou-se e juntou os lençóis perto do peito.

Sable tinha apenas 14 anos, a idade que eu tinha quando sobrevivi por pouco à besta, apenas para perder a vovó.

Mas agora era diferente. Desde então, trabalhei diligentemente com o elixir especial de everlass que criei. Ele ainda não curava a doença da maldição, mas a retardava de modo drástico e anulava a maioria dos efeitos. Por causa disso, e porque eu dei a receita para a aldeia e os ajudei a aprender a fazê-la, só perdemos uma pessoa até agora este ano. Se o inverno acabasse logo, a primavera nos ajudaria a revitalizar nossos jardins. Em sua maior parte, as plantas ficavam dormentes no inverno, sem crescer muitas folhas novas. Os jardins em nossos pequenos quintais não eram grandes o suficiente para nos sustentar se tivéssemos alguém à beira do abismo. Havia muitos à beira do abismo.

Meu irmão mais velho, Hannon, abriu a porta e enfiou a cabeça no quarto. O cabelo ruivo dele girava em volta da cabeça como um tornado. Um respingo de sardas escurecia seu rosto pálido. Ao contrário de mim, o cara não se bronzeava por nada. Ele veio em duas cores: branco e vermelho.

— Finley — disse ele antes de perceber que eu já estava acordada. Ele deixou a porta aberta, mas saiu, esperando por mim.

— Ele está piorando — disse Hannon baixinho quando cheguei no corredor. — Ele não tem muito tempo.

— Ele durou mais tempo com a doença do que qualquer outra pessoa. E ele vai continuar assim. Fiz algumas melhorias recentes. Vai ficar tudo bem.

Dei um passo em direção ao quarto do nosso pai, ao lado do meu, mas Hannon me parou com uma mão no meu braço.

— Ele está com os dias contados, Finley. Quanto tempo isto pode durar? Ele está sofrendo. As crianças estão o vendo sofrer.

— É só porque estamos apenas com as folhas de everlass fracas. Assim que a primavera chegar, será melhor, Hannon, você vai ver. Vou encontrar uma cura para ele. Ele não se vai juntar à vovó e à mãe no além. Não vai. *Vou* encontrar uma cura. Deve existir.

— A única cura é quebrar a maldição, e ninguém sabe como fazer isso.

— Alguém sabe — eu disse baixinho, abrindo a porta do quarto. — Alguém neste reino arruinado pela deusa sabe como quebrar essa maldição. Vou encontrar essa pessoa e arrancar a verdade dela.

Uma vela no suporte cintilou na mesa ao lado da porta. Peguei e protegi a chama do ar enquanto corria para o lado do meu pai. Duas cadeiras ficavam sempre em cada lado da cama. Às vezes as usávamos para ficar ao redor dele quando ele estava lúcido. Mas, ultimamente, elas eram usadas para vigílias, para que pudéssemos observar com receio enquanto ele se agarrava à vida.

O rosto com rugas do meu pai estava cinzento à luz de velas. Suas pálpebras tremiam como se estivesse preso em um pesadelo.

Ele estava, suponho. Estávamos todos. O reino inteiro. Nosso rei louco usou a magia astuta do rei demônio para resolver um rancor pessoal, e todos estávamos sofrendo as consequências. Na verdade, *ele* não estava. Ele tinha morrido e nos deixou apodrecendo. Que maravilha. Eles não disseram do que ele tinha morrido, mas eu esperava que fosse de gangrena no pau.

Coloquei a vela na mesa de cabeceira antes de verificar a lareira do outro lado do quarto. As brasas ficaram carmesim e depois preto, liberando calor suficiente para aquecer a chaleira de água acima dela. Nunca sabíamos quando precisaríamos de água quente. Dado que a maldição tinha aniquilado as conveniências modernas como eletricidade e água corrente, quase nos mergulhando de volta na Idade das Trevas, precisávamos nos contentar com o que tínhamos.

— Dash diz que quase não temos folhas utilizáveis e a colheita que você

plantou ainda não está pronta — disse Hannon.

— Eu não plantei... deixa pra lá. — Eu não me preocupei em explicar que a everlass surgiria naturalmente todos os anos se você a persuadissem com bom solo e manutenção rigorosa. Hannon não era um bom jardineiro. — Dash não deveria estar espalhando boatos.

Dash era o mais novo, um menino de 11 anos que se movia mais do que ouvia... exceto quando ele estava me ouvindo murmurar para mim mesma, pelo visto. Não sabia que ele tinha me ouvido.

— Sou boa com plantas e jardinagem, mas não sou uma bruxa de poções, Hannon. É um passatempo, não magia. Pode não ficar muito frio aqui, mas é frio o suficiente para retardar o crescimento das plantas. Só preciso de um pouco de sol. Continuo pedindo à deusa, mas ela claramente não dá a mínima para nós. Divindade, uma ova. Talvez devêssemos voltar aos velhos costumes dos nossos antepassados. Eles adoravam a um bando de deuses sentados em uma montanha ou algo assim. Talvez um deles ouvisse.

— Você lê demais.

— E isso é possível?

— Você sonha acordada demais, então.

— Provavelmente, é verdade. — Encolhi os ombros.

Minha estação medicinal ficava no canto, ervas, um almofariz e pilão colocados em uma bandeja de madeira. As duas folhas escassas na tigela de cerâmica já haviam sido secas na luz fraca do pôr do sol.

Muito poética, esta receita de cura em particular. Poética de arrepiar. Foi preciso muita leitura, tentativa e erro para descobrir o que funcionava melhor, e eu não tinha terminado. Tinha certeza de que o rei demônio estava rindo de mim em algum lugar. De todos nós. Afinal, ele foi o filho da mãe que pegou o ouro do rei e criou a bendita maldição que atualmente atormentava nossa terra. Seus servos tinham sido posicionados no reino para nos ver lutar. Pena

que eles não estavam apodrecendo debaixo do chão com o falecido rei. Eles mereciam, idiotas dedos-duros de merda.

— O quê? — perguntou Hannon, seu temperamento muito mais doce do que o meu, embora isso não fosse uma grande conquista. Eu tinha baixado muito o nível.

— Nada — murmurei. Não era digno de uma dama xingar, ou assim as pessoas da nossa aldeia antiquada sempre me lembravam. Do mesmo jeito que mostrar o dedo do meio depois que eles faziam uma careta para mim. Muito antiquada, esta aldeia, e bem pobre, todos nós.

Meu pai teve convulsões, com espasmos a cada tosse produtiva.

Com as mãos tremendo e lutando para permanecer calma, esmaguei as folhas com o pilão. Um aroma pungente, como queijo maduro misturado com alho, explodiu em meus sentidos. Podem ser folhas pequenas, mas estavam cheias de magia de cura.

Meu pai se lançou para o lado da cama.

Um segundo depois, Hannon sentado ao lado dele trazendo o balde do chão. Ele o ajudou a se inclinar na borda e vomitar. Haveria sangue naquele vômito, eu bem sabia.

— Foco — eu disse a mim mesma baixinho, sacudindo duas gotas de água da chuva da ponta do dedo nas folhas esmagadas. Eu as havia coletado na calada da noite. Parecia funcionar melhor.

Quando terminei, acrescentei as outras ervas, que eram muito mais fáceis de encontrar – um ramo de alecrim, uma folha de endro, um toque de canela. E, por fim, o ingrediente que era quase tão importante quanto a everlass: a pétala cheia e saudável de uma rosa vermelha.

Precisava ser vermelha, também. As outras não funcionavam muito bem. Não fazia ideia do que as rosas vermelhas tinham a ver com essa maldição ou os demônios, mas os efeitos desse ingrediente aumentavam a potência do

elixir em dez vezes. Isso me fez pensar que havia mais um ou dois ingredientes por aí que eu ainda não havia experimentado que agiriam como uma cura. Uma cura a longo prazo com a qual não precisaríamos de cada vez mais poções só para ver os mesmos efeitos. Algo que anularia completamente a doença. Se estivesse lá fora, eu encontraria. Espero que a tempo de salvar meu pai.

O grunhido dele me incentivou. Um suspiro agitado atravessou sua garganta apertada. Pelo menos ele tinha um coração forte. Um ataque cardíaco tinha levado minha mãe há um ano. O corpo dela estava sob muita pressão e o coração desistiu da luta. Naquela época, eu não tinha sido tão boa no elixir neutralizante. Meu pai tinha mais tempo.

Ele tem que ter mais tempo.

— Pra ser sincera, Dash tem razão. Precisamos de mais suprimentos — eu disse, trabalhando no pilão. — Nossas plantas não são suficientes.

— Você não disse ontem que ninguém mais tinha?

— Não que estejam dispostos a dispensar, não.

Todos tinham pais doentes e *talvez* um ou dois avós doentes, se tivessem sorte. Nossas matérias-primas tinham acabado.

— Então, onde você vai... — Ele deixou as palavras desaparecerem. — Não.

— Não tenho muita escolha, Hannon. Além disso, entrei e saí desse campo várias vezes nos últimos anos sem problemas. Até mesmo de noite. A besta provavelmente não patrulha mais a Floresta Proibida.

Minhas mãos começaram a tremer, parei por um momento e respirei fundo. Mentir para Hannon era uma coisa – ele confiava nas pessoas e queria acreditar em mim –, mas eu não era tão tola para acreditar nas minhas próprias mentiras. Só porque eu não tinha visto a besta em nenhuma visita desde a primeira, isso não significava que ele tivesse desistido de caçar

invasores. Nossa aldeia ficava na fronteira do reino, e eu era sorradeira. Eu me esforcei muito para garantir que não fosse vista. Mas ouvi os rugidos. Ele estava lá, esperando. Observando. O predador supremo.

A besta também não era o único perigo na floresta. Criaturas terríveis haviam sido soltas pela maldição e, ao contrário da besta, não pareciam ser impedidas pela linha das árvores. Elas costumavam sair da Floresta Proibida e comer qualquer aldeão após o escurecer. Ocasionalmente, elas também entravam pela porta da frente e comiam os aldeões em suas casas.

Não havia acontecido isso há muito tempo. Nenhum de nós entendeu por que nos deixaram em paz, mas elas ainda estavam na floresta. Eu também tinha ouvido seus rugidos. Aquele lugar era um aglomerado de perigo.

— Está tudo bem — reafirmei, mesmo que ele não tivesse rebatido vocalmente. — O campo de everlass é perto. Vou entrar bem rápido, pegar o que preciso e sair. Eu tenho um ótimo senso de direção naquele lugar. Entrar e sair.

— Só que faltam apenas dois dias para a lua cheia.

— Isso só vai me ajudar a ver melhor.

— Também aumentará o poder da besta. Ele vai cheirar melhor. Correr mais rápido. Morder com mais força.

— Eu não acho que uma mordida suave seria melhor do que uma forte, mas não importa. Serei rápida. Eu sei o caminho.

— Você não devia saber o caminho.

Mas pela maneira como ele disse, eu sabia que Hannon desistiria da briga. Ele não tinha mais fôlego para me convencer a não ir. Eu meio que esperava que ele tivesse se esforçado mais.

Fiz uma careta quando tentei sorrir, e meu estômago começou a revirar. Precisava mesmo ir. E eu *tinha* ido várias vezes nos últimos anos e voltado em segurança.

Havia odiado todas as vezes.

— Quando? — perguntou Hannon, sombrio.

— As folhas são mais potentes quando colhidas à noite — expliquei. — E estamos com os dias contados, como você disse. Não há tempo a perder.

— Tem certeza absoluta de que precisa ir?

Deixei meus ombros caírem por um momento.

— Sim.

*

UMA HORA DEPOIS, eu estava na sala da frente com uma bolsa de tweed cruzada no peito. A planta parecia responder melhor quando transportada neste tipo de bolsa. Recebi a dica de um livro e provei a teoria com tentativa e erro.

Meus irmãos e minha irmã estavam comigo.

— Tenha cuidado. — Hannon apertou meus ombros, encarando-me.

Com uns oito centímetros mais alto que meu um metro e oitenta e dois, ele era o homem mais alto da nossa aldeia. Um dos mais fortes, também, com braços grandes e um corpo musculoso. A maioria das pessoas assumiria que seria ele que arriscaria a vida na caça da besta. Ou que caçaria nosso jantar na floresta mais segura a leste. Mas não, Hannon era o cara que ficava preocupado em casa esperando para me remendar quando entrasse sangrando pela porta. Ainda bem, porque eu tinha entrado mancando em mais de uma ocasião. Aqueles malditos javalis selvagens na floresta do leste sabiam como atacar. Filhos da mãe perversos.

A besta era uma situação completamente diferente.

Coragem.

Um pássaro da noite gritou um aviso à distância. As cabanas ao nosso

redor na pista de terra estão em silêncio, seus habitantes dormindo a esta hora da noite. Dormindo, ou sentados em silêncio em suas casas escuras, não querendo chamar a atenção de qualquer coisa que pudesse ter passado pela linha das árvores. Pode não ter acontecido em anos, mas as pessoas por aqui tinham boa memória.

— Não se arrisque — disse Hannon. — Se você vir a besta, saia de lá.

— Se eu vir a besta, provavelmente vou me mijar.

— Tudo bem. Mas faça isso enquanto corre.

Conselho sábio.

— Está tudo bem, Hannon. Peguei o elixir mascarador de cheiro. Isso geralmente funciona quando estou caçando. Vai ajudar.

Ele acenou com a cabeça, mas pelo visto o sermão não tinha terminado.

— Só há uma besta — disse ele. — Essa é a maior preocupação. Você já confrontou as outras criaturas naquela floresta e foi com tudo.

Não exatamente, mas como eu disse, Hannon confiava nas pessoas. Ele não parecia saber quando eu estava mentindo. Se ele achasse que eu fosse mais forte do que eu era, ele se preocuparia menos. A quem isso faria mal?

Eu me virei e dei um abraço feroz em Sable, beijando-a na cabeça. Dash foi o próximo, e então eu tive que soltá-lo de mim.

— Posso ir também? — implorou Dash. — Eu sei onde é! Posso ajudar a pegar mais. Posso lutar com os monstros!

— Como... — Eu me parei. Agora não era hora de gritar com meu irmão mais novo. Em vez disso, apontei para Hannon. — Enquanto eu estiver fora, descubra como ele sabe onde é o campo. Espere para puni-lo quando eu voltar. Quero participar.

Dei um último abraço em Hannon e fui embora às pressas. Eu podia fazer isso. Eu *tinha* que fazer isso.

Meu arco tinha sido quebrado na semana passada por um daqueles

malditos javalis, então eu estava indo com nada além da adaga e do canivete enfiado nas minhas calças. Nenhuma arma faria muito dano na besta. Por outro lado, se a besta realmente *tinha* um corpo blindado, as dez flechas que eu possuía também não ajudariam muito na minha proteção.

Cortei os jardins dos fundos de duas cabanas, escalando as cercas, e me aproximei da borda da Floresta Proibida. Um pedaço de terra aparada por cabras era tudo o que me separava dela. As ervas daninhas rastejavam em direção ao perímetro... e, então, murchavam e morriam. Troncos fantasmagóricos subiam na borda, galhos torcidos alcançando a aldeia. Mais adiante havia profundezas sombrias, fatiadas pelo luar sob o céu estrelado.

Parei de pensar nos riscos. Afastei a imagem do leito do meu pai. Joguei de lado a preocupação nos olhos de Hannon e a sensação de Sable e Dash se agarrando a mim no abraço de despedida, espero que não pela última vez. Neste momento, era só eu e esta floresta. Eu e as criaturas que se escondiam dentro de suas profundezas deterioradas. Eu e a besta, se chegasse a esse ponto.

Eu não decepcionaria meu pai. Não falharia com ele.

A lâmina da minha adaga deslizava no couro duro da bainha pendurada no meu quadril. Eu andei leve e cuidadosamente, visando o chão e evitando qualquer coisa que pudesse estalar ou fazer barulho. Era fácil agora, ainda na aldeia. Quando eu passasse por aquela linha de árvore, seria muito mais difícil. Muito mais mortal.

Nem um som vibrava pelo ar. Nenhum vento mexia nos galhos congelados ou nos ramos. Minha respiração estava gelada. Notei cada pequeno detalhe do meu entorno. Eu era a presa, e não queria dançar tango com o caçador.

O ar esfriou quando atravessei o limiar. Parei e respirei fundo. O pânico me mataria. Eu precisava manter a calma.

Ao continuar fui com olhos atentos. Precisava prestar atenção a qualquer

movimento. Qualquer mudança no cheiro ou no som.

Eu me lembrei de uma época, antes da maldição, quando a Floresta Proibida tinha sido adorável. Verde e exuberante. Mas agora, a grama quebradiça estalava sob minhas botas usadas. A casca dos troncos parecia escamosa sob meus dedos. Nenhuma folha agraciava os galhos, mesmo nas árvores perenes, e nenhuma flor adornava as plantas de inverno.

Lá na frente, em torno de um pinheiro grande com poucas folhas, eu vi – uma bétula que não parecia se encaixar com as outras árvores. Logo atrás estava meu destino.

O campo de everlass era menos da metade do tamanho atual quando eu o encontrei pela primeira vez. Tinha crescido ao longo dos anos, não que realmente importasse. Eu só podia usar o que eu poderia roubar, e eu não ousou fazer isso muitas vezes.

Crack.

A adrenalina invadiu minha corrente sanguínea. Eu congelei com as mãos esticadas como uma idiota, como se estivesse pronta para voar de verdade. Posso ter coragem, mas era óbvio que não era indiferente ao lidar com o perigo.

Aquilo soou como um galho estalando.

Segurando a respiração, esperei que algo acontecesse. E esperei um pouco mais – observando os movimentos, ouvindo sons. Nada.

Soltando um fôlego instável, continuei. As formas das árvores mudaram ao meu redor, rastejando pela escuridão manchada de estrelas. Uma criatura gritou em algum lugar distante à minha esquerda. O som se espalhou pelo ar antes de se afastar, como ondulações em um lago. Meu coração acelerou, mas o som estava muito longe para me preocupar no momento. Espero que a criatura continue gritando para que eu possa rastrear sua rota de viagem.

Um grito horrível preencheu o ar, também distante. Parecia um humano

em perigo, sendo comido vivo ou torturado, ou um homem com um corte de papel no dedo. Era o grito de uma angústia intensa, em outras palavras, precisando de ajuda imediatamente, ou poderia morrer.

Boa tentativa, filho da puta.

Já tinha ouvido essa criatura antes. Eu até a vi quando estava em pânico correndo para casa uma vez. Seu objetivo era atrair bons samaritanos. As pessoas iam ajudar, e a criatura os matava.

Ou era assim que a criatura pensava que seu artil funcionaria. Exceto que todos sabiam que na Floresta Proibida era cada um por si. Não havia bons samaritanos aqui. Pouco me importava que aquela coisa continuasse gritando. Isso pelo menos evitaria que se aproximasse de mim.

A bétula estava perto agora, elevada e estoica.

Seus ramos tremiam dramaticamente, como se estivesse com frio.

Congelei de novo, e, de repente, perguntei-me por que eu sempre abria meus braços como uma espécie de dançarina confusa quando ficava com medo...

Mas sério, por que pelo armário secreto da deusa a árvore estava tremendo? Isso não tinha acontecido antes. Eu passava por esta árvore toda vez que vinha a este campo, e ela nunca tinha se movido por causa de nada além do vento.

Esta é uma péssima hora para uma árvore estar dançando, pessoal, pensei para o público invisível assistindo minha aventura. Era algo que fazia desde pequena, e não tinha desistido do hábito aos 23 anos. Antigamente, eu tinha feito isso porque estava fingindo ser um bobo da corte, ou uma rainha, mas agora fazia por conforto. E excentricidade, eu acho.

Vamos manter a calma, pessoal. As coisas estão ficando um pouco estranhas.

Mantive minha distância da bétula tremendo, e fiquei grata quando parou

de se mover. A noite ficou quieta mais uma vez, o impostor que gritava dando um tempo. O campo estava diante de mim, revestido à luz da lua.

Observei a área por trás da clareira. Nada se moveu. Nenhuma outra árvore tremeu.

Um olhar para trás – com olhos estreitos para aquela bétula – e nenhum problema à vista. Sem avisos corporais de perigo se aproximando, sem sentir olhos em mim. Era agora ou nunca.

Adaga de volta na bainha e canivete a postos, observei as plantas e caminhei com cuidado por elas. A maioria dos herbalistas as chamariam de ervas. Mas a maioria dos herbalistas eram feéricos, e desdenhavam as plantas que não podiam crescer. Ou é o que dizem por aí. Ninguém na aldeia tinha visto um por dezesseis anos.

Claro, isso não impediu os feéricos de procurá-la. Everlass era a cura mais potente de todos os reinos. E sabe o que mais? Só crescia em terras governadas ou mantidas por metamorfos dragões. Engole essa, feéricos.

Mesmo que este reino estivesse basicamente na administração do rei demônio por causa da maldição, ele ainda tinha a magia dos dragões. A maior parte da nobreza foi morta logo após o rei louco perecer, mas a everlass permaneceu ilesa. Tudo o que tínhamos que fazer era aprender a trabalhar com ela.

Sempre achei romântico. Sem a presença de dragões, a everlass não brotaria da terra. Era como se a magia protetora do dragão infundisse na essência do solo que caminhamos e desse coragem a everlass para se arriscar.

Esta planta era majestosa. No sentido de incrivelmente exigente e difícil de se trabalhar. Se você for muito áspero ou precipitado ao utilizá-la, ela murcharia e reduziria em potência. Exigia atenção focada e cuidadosa, talvez até amor.

E eu a amava. Por que não amaria? Estava salvando minha aldeia.

Tirei apenas as folhas maiores e mais saudáveis, tomando cuidado para não perturbar as sementes que garantiriam uma nova vida quando chegasse a hora. Ao mesmo tempo, pudei folhas mortas ou secas, mas eram muito poucas.

Enfiei as folhas na bolsa, permitindo que elas tivessem espaço. Não era bom amontoá-las logo depois da colheita. Elas funcionavam melhor quando tinham um pouco de espaço para respirar, como as próprias plantas. Se não tivesse que me preocupar em ser perseguida, atacada e comida, eu carregaria as folhas para casa em uma bandeja grande, sem nenhuma tocar na outra.

Quando a bolsa estava cheia, eu me endireitei e varri meu olhar pelo campo. Queria saber quantas outras pessoas entraram neste lugar para usá-lo. Nunca tinha visto mais ninguém, mas as plantas foram podadas e cuidadas de forma correta. Isso significava um grupo de pessoas zelosas e experientes, provavelmente das outras aldeias. Eu tinha visto o que aconteceu com as plantas dos meus vizinhos que não se empenharam. Elas cresceram selvagens e indisciplinadas.

Eu não fui a única que banhou essas plantas com amor. Não me surpreendeu, mesmo assim, aqueceu meu coração. Esperava que as outras aldeias estivessem se saindo tão bem quanto nós.

Um chirriar de coruja me assustou em meu devaneio. Franzi o rosto, ouvindo. Veio do lado, bem perto. Não era alarmante por si só – parecia irritada, mas poderia estar chateada com o companheiro ou outro pássaro. Talvez tivesse notado um insetinho andando pelo chão ou algo assim, eu não sabia. Eu não era uma especialista em comportamento de corujas. Não, o que era alarmante era ser a primeira vez que ouvi esse tipo de coruja na Floresta Proibida.

Uma bétula tremendo, e agora uma coruja. O que estava acontecendo nesta noite?

Seja o que for, eu não gostei.

Fiquem quietos, pessoal. Se formos sorrateiros, ninguém vai nos incomodar.

Girei e me apressei, ainda escolhendo meu caminho pelas plantas com cuidado, mas fazendo o mais rápido possível.

Um suave *ronco* chamou minha atenção e me inundou com um calafrio terrível. Meu reflexo de fuga quase me fez puxar as calças e correr pela floresta como uma espécie de hobgoblin.

Era a besta? Outra criatura? Talvez não importasse. O som tinha vindo de um animal maior, e qualquer coisa tão grande nesta floresta era algum tipo de predador.

Soltei minha respiração muito lentamente. O animal estava a sudoeste de mim, na mesma direção que o rompante da coruja, só que mais perto.

Olhei para o canivete agarrado na minha mão tremendo. Essa arma não seria uma boa armadura.

Droga, agora eu estava pensando em piadas sem graça.

Esforçando meus olhos, observei o movimento enquanto pegava a lâmina para dobrá-la. Observei para ver se alguma coisa interrompeu os fragmentos de luar suave perfurando as sombras. A noite quieta não revelou seus segredos.

Coragem, pessoal. Permaneçam calmos.

Eu me virei devagar em direção a casa, abaixando cuidadosamente os pés, um de cada vez. Eu não queria que meus pés deslizassem na terra estaladiça. Respirar devagar também ajudou. Eu precisava de ar para abastecer meu cérebro e meus músculos. Precisava pensar ou correr, ou ambos ao mesmo tempo. O pânico nunca ajudou ninguém.

Meu canivete fez um *clique* enquanto o fechava e a lâmina se alojava. Fiz uma pausa, rangendo os dentes. O silêncio reverberou ao meu redor... até

escutar um lamento, como uma senhora de luto por suas perdas. Alto e baixo, e cheio de agonia amarga.

Dei um salto. Meu canivete caiu dos meus dedos.

Porra! Derrubei a porra da faca. Puta merda, pessoal, isso está prestes a ficar complicado.

Outro grito, desta vez como uma criança. Ele sacudiu meus sentidos enquanto a faca bateu no chão em vários baques.

Os sons desta nova criatura vieram do Norte. Um norte perto, talvez, quarenta e cinco metros, possivelmente um pouco mais.

Grunhidos altos seguiram os gritos. *Ruun, ruun, ruun.*

Mesma direção, distância parecida. Era óbvio que era a criatura dos gritos, algum tipo de tordo aterrorizante. O que os grunhidos deveriam atrair, eu não sabia, nem me importava.

Eu me curvei às pressas, tentando olhar pelas sombras profundas para encontrar a faca, e depois passei meus dedos no chão, procurando. Grama seca escovou minha palma.

Outra coruja disparou um aviso – ou talvez a mesma coruja? Eu não sabia. Será que eram criaturas tenazes que seguiam invasores como velhos mal-humorados? Eu precisava pesquisar. Independentemente disso, o chirriar foi muito mais próximo desta vez. Vinte e sete metros, talvez menos. Sudoeste, na direção do grande predador.

Foda-se o canivete.

Apressada, eu me levantei, ajustei a bolsa com as folhas e corri em torno da bétula. Ela tremia do mesmo jeito de quando cheguei. Mas, desta vez, o movimento parecia mais intenso. As folhas se agitavam como esqueletos dançantes. Galhos rangiam, balançando mesmo na ausência de vento.

Qual era o problema com aquela árvore? Será que eu tinha cortado sua prima ou algo assim?

O tordo aterrorizante parou seu grunhido de repente. Tinha me ouvido. *Sabia* que algo estava aqui.

Aquela bétula condenada pela deusa se juntaria a prima se eu tiver escolha. Eu dançaria nua ao redor das chamas.

Engolindo um xingamento, continuei para colocar alguma distância entre mim e a flora surtando. Um pedaço de grama quebradiça entre dois troncos espessos me esperava à frente, e eu desacelerei. Minha visão se restringiu para o caminho diretamente na minha frente, e meu coração bombeou adrenalina no meu corpo, sinais do reflexo de fuga. Desacelerei ainda mais e respirei. Eu não podia correr às cegas. *Não podia*. Eu precisava pensar sobre isso. Eu precisava ser inteligente.

O canivete que caiu não tinha feito tanto barulho. As criaturas da área não sabiam que eu estava aqui. Elas só sabiam que a bétula era uma diva querendo atenção. E mesmo se soubessem que havia um invasor no meio delas, não seriam capazes de me achar. Meu cheiro estava escondido devido à poção de ervas artesanais que eu tinha bebido antes de sair de casa, e o terreno era muito duro para meus pés fazerem trilhas distintas no escuro. Neste momento, eu ainda não tinha sido descoberta.

Olhei a grama à frente enquanto ouvia. A bétula finalmente se estabeleceu, deixando uma ausência escancarada de som em seu rastro. Meus ouvidos não pegaram nenhum movimento. Sem gritos.

Meu peito parecia apertado, tenso com a pressão de manter a calma. Eu me concentrei na minha respiração e comecei a avançar devagar outra vez, tirando a adaga da bainha ao mesmo tempo. A grama emitiu alguns estalos leves antes de eu encontrar terreno duro de novo, cortado por pedaços de grama morta. Por pouco não suspirei alto.

Uma coruja chirriou por cima.

Eu me sacudi e pulei ao mesmo tempo. A lâmina da adaga bateu

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Uma Ruína de Rosas"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).